

## O PEREGRINO PELO MUNDO (IN) CULTO: CONSIDERAÇÕES ACERCA DAS VIAGENS FÍSICA E METAFÓRICA DE CLÁUDIO MANUEL DA COSTA

Marcela Verônica da Silva<sup>1</sup>

**RESUMO:** A trajetória poética de Cláudio Manuel da Costa apresenta algumas marcas das viagens físicas e metafóricas que empreendeu. Em relação às viagens físicas, o poeta passou de habitante de uma das mais remotas províncias do Império português à habitante do mundo, ao se defrontar com a realidade metropolitana de Lisboa e com Coimbra, que apesar de pequena, concentrava uma das mais importantes universidades da Europa. No reencontro com a pátria Minas, no momento do retorno e mais especificamente durante a incursão pelas montanhas e vales da capitania, realizada em 1764 com a comitiva do governador Luís Diogo Lobo da Silva, a viagem passa a assumir sentidos metafóricos, pois o (re)conhecimento da terra natal marca a (re)definição das práticas estéticas do poeta mineiro, antes tão enlevado pela geografia lusitana e agora atento aos contornos e relevos do sertão mineiro.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cláudio Manuel da Costa; Viagem Física; Viagem metafórica

**ABSTRACT:** The poetic trajectory of Cláudio Manuel da Costa present some marks of physical and metaphorical journeys he engaged. Regarding the physical travel, the poet changed from inhabitant of one of the most remote provinces of the Portuguese Empire to the inhabitant of the world, when he faced with the reality of metropolitan Lisbon and Coimbra, where he studied, which although small, concentrated one of the most important universities of Europe. In the reunion with the homeland Minas at the time of return and more specifically during the incursion in the mountains and valleys of the captaincy, held in 1764 with the entourage of Governor Luis Diogo Lobo da Silva, the journey now takes on metaphorical sense, because the knowledge and acknowledgement of the homeland marks the definition and redefinition of the aesthetic practices of the poet, once so enraptured by the Lusitanian geography and now aware of the contours and reliefs of the hinterland of Minas.

**KEYWORDS:** Cláudio Manuel da Costa; Physical Travel; Metaphorical Travel

### Introdução

*A desconsolação de não poder substabelecer aqui  
as delícias do Tejo, do Lima e do Mondego me fez  
entorpecer o engenho dentro do meu berço, mas  
nada bastou para deixar de confessar a seu  
respeito a maior paixão. Esta me persuadiu  
invocar muitas vezes e a escrever a Fábula do  
Ribeirão do Carmo, rio o mais rico desta  
Capitania, que corre e dava o nome à Cidade  
Mariana, minha pátria, quando era Vila.  
(Prólogo ao Leitor - Obras, 1768).*

---

<sup>1</sup> Doutora em Literatura Brasileira (UNESP-ASSIS), Docente do Programa de Mestrado em Letras da Universidade Vale do Rio Verde (UNINCOR). E-mail: prof.marcela.silva@unincor.edu.br

Cláudio Manuel da Costa empreendeu grandes travessias ao longo de sua vida, e sua relação com os espaços parece ser marcada pela dissonância que se estabelece pelo contraste metrópole *versus* colônia ou mundo culto *versus* mundo inculto e pelo choque do (re)encontro e da (re)descoberta da sua vila de origem – em seu aspecto mais bruto, uma vez que, após longa estada na Europa sofreu, no regresso, o conflito advindo da comparação do arraial, formado nas cercanias por matas profundas, com a corte portuguesa e sua ordem; e o impacto do *giro*<sup>2</sup> pelos sertões mineiros, na condição de secretário de governo de Luís Diogo Lobo da Silva, que o levou à imersão no recôndito dessas matas com a finalidade política, mas que não deixou de ser também espiritual.

As experiências de viagem de Cláudio Manuel da Costa permitiram que seus escritos tivessem maior autonomia em relação às convenções da escola neoclássica, pois criou o embate entre *locus amoenus x locus horrendus*, sendo o primeiro a paisagem amena da Arcádia e o segundo o cenário das Minas, corrompido pela mineração e pela ganância. Em epígrafe consta que o poeta, por não “poder substabelecer aqui as delícias do Tejo, do Lima e do Mondego”, viu-se impedido de exercer seu engenho, porém, o “entorpecimento” de fato não existiu, pelo contrário, houve maior posicionamento, a ponto de fazê-lo “invocar muitas vezes e a escrever a Fábula do Ribeirão do Carmo”. Assim, Antonio Candido e José Aderaldo Castello afirmam que

as sugestões do meio e a sua própria intuição estética (pois veio de volta ao Brasil antes da maturação da Arcádia Portuguesa), levaram-no a deixar de lado o que havia de corrompido na ênfase e na contorsão culterana. A sua obra se fez, em parte, como regresso aos quinhentistas; em parte como compromisso entre Barroco e Arcádia. Resultou uma poesia rica, sem ostentação, elegante sem banalidade, que, nos momentos realizados, alcança o melhor nível. Graças a ela pôde criar um mundo poético em que se sublimam o culto dos modelos clássicos, uma requintada sonoridade, o senso dos conflitos da alma, uma consciência nítida dos problemas do seu tempo e das cogitações perenes do homem. (CANDIDO; CASTELLO, 1973, p. 137).

Destarte, é possível compreender como o espaço europeu e mineiro teve impacto na produção claudiana, moldou seu estilo e construiu a identidade de um poeta que, mesmo

---

<sup>2</sup> Cláudio Manuel da Costa denomina refere-se à viagem pelo sertão mineiro como *giro* na nota 67 do poema “Vila Rica” e no Romance em homenagem a José Gomes de Araújo.

tendo sido criado em meio às penhas, conseguiu conservar um “peito sem dureza”<sup>3</sup>. Porém, ao invés de endurecê-lo, as penhas provocaram a melancolia, marca de sua poesia. Essa melancolia aparece principalmente diante da incapacidade em estabelecer nesse cenário a beleza vislumbrada em Portugal e diante da constatação da transformação de sua vila, cada vez mais tomada pela ambição humana.

Pretende-se, pois, no presente artigo, discorrer sobre como as viagens estão presentes na biografia e na produção poética de Cláudio Manuel da Costa. O trânsito entre nações, o retorno à terra, a descoberta da terra, o sentimento de exílio e a defesa do espaço (in)culto são marcas que permitem o entendimento do homem em seu papel social (político) e em sua condição de artista, uma vez que as viagens físicas levam à construção da identidade e, no caso de Cláudio Manuel da Costa, passam pelo prisma da poesia e, por isso, se metaforizam.

### **As viagens físicas**

Apesar de viver cercado por uma natureza que dificultava de todos os modos os deslocamentos, Cláudio Manuel da Costa ainda assim foi um viajante. Aos quinze anos, atravessou as Minas Gerais rumo ao Rio de Janeiro para estudar no Colégio dos Jesuítas. Aos dezoito anos, cruzou o Atlântico para cursar cânones na Universidade de Coimbra, onde iniciou sua carreira de homem de letras, adquirindo fama de erudito pela sólida bagagem humanista que possuiu. Aos 24 anos, em 1724, retorna às Minas Gerais para assumir a posição de homem da família, devido ao falecimento do pai e alguns indícios permitem supor que a entrega do volume de *Obras* à Real Mesa Censória tenha sido feita presencialmente. Nesse período de nove anos, Cláudio Manuel da Costa se transformou:

Quem regressava a Minas era um bacharel de 24 anos, bem diferente do menino que havia descido a serra para estudar com os padres. [...] Naquele tempo, a viagem se fazia quase sempre pelo Caminho Novo [...]. O Caminho, aprontado para o trânsito dos viajantes desde 1725, cortava as montanhas em altitudes elevadas, os trajetos íngremes acarretando dificuldades e trabalhos. Os que subiam pela primeira vez, como foi o caso

---

<sup>3</sup> Refiro-me aqui ao Soneto XCVIII de *Obras* no qual o poeta afirma: Destes penhascos fez a natureza/ O berço em que nasci: oh! quem cuidara/ Que entre penhas tão duras se criara/ Uma alma terna, um peito sem dureza!

do ouvidor Caetano da Costa Matoso em 1749, quase sempre se espantavam com a mistura da mata tropical e precipício [...]. Como em outros momentos da sua vida, e como em várias passagens de sua obra, Cláudio viajava rumo ao fundo de sua alma: subir os morros e percorrer a floresta era como entrar no mundo rude e incivilizado da pátria, dilacerado entre a dor e o sentimento de necessidade. (SOUZA, 2011, p. 69-70).<sup>4</sup>

Levando em conta a árdua travessia e os perigos a ela atrelados, é possível inferir o quanto ela significou, primeiramente, ao jovem Cláudio Manuel da Costa, que deixava sua casa e sua família e, em um segundo momento, ao bacharel que retornava após nove anos, já acostumado à corte e com o conhecimento alargado pelos anos de estudo, capaz de analisar criticamente a realidade mineira.

Segundo Souza (2011, p. 77) as evidências documentais não permitem saber se o bacharel voltou para a casa da família na Vargem do Itacolomi ou se ficou provisoriamente em Mariana para organizar as pendências do espólio paterno. Sabe-se, porém, que entre 1756 e 1757 Cláudio Manuel da Costa mudou-se para Vila Rica, que era a sede do governo e no dia 01 de janeiro de 1758 tomou posse como terceiro vereador da Câmara de Vila Rica, cargo que não era remunerado, o que evidencia que no Brasil colonial não era o dinheiro que determinava o prestígio do indivíduo, mas o cargo que ocupava no corpo místico. O poder político garantia a formação de uma rede de contatos entre os “homens bons”. Paralelamente à posição que exercia na política, Cláudio Manuel da Costa mantinha sua função de advogado, letrado e poeta e, em alguns momentos ainda a de cartógrafo.

Entre agosto e dezembro 1764 foi chamado a integrar a comitiva do então governador Luís Diogo Lobo da Silva, na qualidade de secretário de governo. Souza afirma que o poeta deixou Vila Rica para um *giro* de quase quatrocentas léguas, percorrendo parte do centro sudoeste e do sul mineiros e gastando, ao todo, três meses e dezoito dias. Menciona ainda que a viagem era uma forma de conter o decréscimo da arrecadação aurífera por meio da fiscalização da fronteira entre São Paulo e Minas e resolver divergências sobre os limites de terras.

---

<sup>4</sup> No excerto a historiadora baseia-se nos relatos de viagem do Rio de Janeiro a São Paulo presentes nos apontamentos do reinol Caetano Costa Matoso que, no cargo de ouvidor, registrou esse trajeto em 1749. Apesar de se referir a impressões pessoais do reinol, o trajeto evidenciava o grande incômodo em atravessar o caminho incauto e Cláudio Manuel da Costa passa por essa estrada ao menos duas vezes, e, sem dúvida, a árdua experiência do trajeto o marcou.

“Viagem dilatada e aspérrima” é a frase com a qual Cláudio Manuel da Costa descreve na nota 67 do poema “Vila Rica” o trajeto feito pela comitiva, formada pela pequena corte do governador – o secretário, um escrivão, o ouvidor da comarca do Rio das Mortes, o provedor da Fazenda Real, José Gomes de Araújo, entre outros – de encontro a um mundo desconhecido. Sobre o trajeto efetuado, sabe-se que Cláudio Manuel da Costa saiu de

Vila Rica no final de agosto, a comitiva se dirigiu a São João Del Rei, onde o ouvidor da comarca do Rio das Mortes se integrou a ela. A 5 de setembro, seguindo pela conhecida picada de Goiás, começou a subir rumo ao centro da capitania passando por Oliveira, Tamanduá, Formiga e pelos vários rios que engrossam a margem direita do Grande, cortando montanhas e matos fechados e infletindo em direção a oeste [...] Foi então se aproximando do rio Grande, na barra do Sapucaí, e cruzou o caudal para cruzar os sertões do Jacuí, onde Luís Diogo centralizou as atividades do governo no arraial de São Pedro das Almas. Dali rumo ao sul, o expedição atingiu Cabe verde a 7 de outubro, após algumas paradas pelos arraiais e muito trabalho para reabrir uma velha trilha. A seguir, cortando o rio Pardo, acompanhou a falda da Mantiqueira até Ouro Fino. Quando os homens entraram no Vale do Sapucaí, as chuvas já começavam a engrossar. No final do mês alcançaram o Vale do Baependi e as picadas do Caminho Velho para as Minas, parando no registro de Capivari e tendo que fazer uma digressão e enfrentar a garganta do Embaú para chegarem, subindo a Mantiqueira, a Itajubá, já a 7 de novembro. Só no dia 25 entrariam em São João Del Rei, e só a 3 de dezembro Cláudio estaria de volta a Vila Rica (SOUZA, 2011, p. 122).

A historiadora no excerto narra a viagem de 40 léguas, ou 2640 quilômetros, pelo interior selvagem das Minas. A viagem expõe os caminhos, as vilas, os rios, as montanhas, os índios, os negros, os sertanistas, os contrabandistas. As anotações feitas durante a viagem mostram Cláudio Manuel da Costa na função de secretário de governo: são documentos burocráticos que não revelam a densidade da viagem, a versão dada por Cláudio Manuel da Costa na condição de poeta pode ser encontrada tanto na forma da construção do poema épico “Vila Rica”, que adiante se explicará, quanto no tema que trata do trajeto efetuado pelo herói Antonio de Albuquerque em busca de um local adequado para fundar sua vila.

Outra marca que demonstra a importância das viagens e da geografia mineira para Cláudio Manuel da Costa é dada pela expressão de sua habilidade como cartógrafo. Os caminhos mais importantes, indicadores dos pontos produtores de ouro nas Minas Setecentistas foram registrados em um mapa produzido por ele entre 1755 e 1766 e encomendado pela Câmara de Vila Rica.

De acordo com Souza, os mapas estavam presentes na imaginação do poeta: “Cláudio guardava duas imagens de santos dentro de redomas de vidro, que ficavam em cima de algum móvel ou dentro de um oratório, ou ainda quem sabe ao pé da cama: as paredes, ele reservava para uma de suas paixões, os mapas”. (SOUZA, 2011, p. 143-144).

Cultivar a fixação por mapas era comum à época, inclusive pela necessidade, uma vez que eram imprescindíveis nas viagens. Porém, além do caráter prático, eles representavam o mistério e o desafio de alcançar espaços tão intocados. Assim, essa transição do físico para o metafórico percorre, de modo geral, a produção claudiana.

### **As viagens metafóricas**

Segundo Ianni, a viagem é, primordialmente, um encontro do viajante com ele mesmo, com identidades e diferenças, nas relações que estabelece ao longo do caminho: “Ao longo da travessia, não somente encontra-se, mas reencontra-se, já que se descobre mesmo e diferente, idêntico e transfigurado” (IANNI, 2000, p. 26). Isso ocorre porque é no contato do estrangeiro com o nativo, do “eu” com o “outro” diferente, que o viajante olha para si próprio e, estabelecendo comparações, toma conhecimento do seu interior.

Nenhum indivíduo sai ileso de uma viagem: “No curso da viagem há sempre alguma transfiguração, de tal modo que aquele que parte não é nunca o mesmo que regressa”. (IANNI, 2000, p.31).

Desde Homero em sua *Odisseia* e *Ilíada* o leitor, na condição também de viajante, vivencia as experiências do herói em uma trajetória que envolve questões de encontro e de reencontro. A viagem é o momento da aprendizagem e do amadurecimento, e o regresso representa o defrontar-se com a experiência adquirida.

Com os diários de viagem de Marco Polo e Cristóvão Colombo, e com a emblemática carta de Pero Vaz Caminha é possível imaginar, por meio das descrições deslumbradas, os imprecisos e exóticos seres e espaços que documentam. O mesmo ocorre com os relatos dos europeus, viajantes do Novo Mundo, que espalham a notícia das riquezas do Brasil há pouco descoberto. Assim, por meio dos relatos, as viagens físicas tornam-se experiências metafóricas, no sentido que lhe dá Paul Ricoeur (1975), que designa como finalidade da

metáfora o ato de sugerir uma coisa distinta do que é afirmado, criar uma ilusão, apresentando o mundo sob um novo aspecto.

A transformação da viagem física em uma busca de identidade, de conhecimento interior ocorre quando notamos alguns traços recorrentes dessas experiências na produção poética de Cláudio Manuel da Costa. Esses vestígios da relação com o espaço se mostram nas tópicas provenientes da Antiguidade clássica latentes nos sonetos, élogos, romances, prólogos, como a do poeta peregrino e do contraste *locus amoenus versus locus horrendus*, mas também nos textos encomiásticos e mesmo no poema épico “Vila Rica” que, inclusive na forma – propositadamente ou não – provoca no leitor a sensação de vertigem própria do labirinto que circunscrevia os caminhos que levavam às Minas.

Se o tópico do retorno na literatura designa o verdadeiro momento do encontro consigo mesmo, com as origens, e o momento de disseminar aprendizagem, nota-se que o retorno para o poeta mineiro assume outros contornos. No soneto VIII nota-se a murmuração advinda da constatação de que não foi o cenário que mudou, mas sim sua visão sobre ele:

Este é o rio, a montanha é esta,  
Estes são os troncos, estes os rochedos;  
São estes inda os mesmos arvoredos,  
Esta é a mesma rústica floresta (COSTA, 2002, p. 54).

Comparada aos avanços da metrópole, a Vargem do Itacolomi, onde Cláudio Manuel da Costa nasceu, bem como Mariana e Vila Rica, pareciam ainda mais bárbaras. Para um rapaz imbuído dos influxos da ilustração, a volta tratava-se de um retrocesso. Esse choque foi amplamente abordado em sua poesia, em especial no soneto LXII, em que demonstra o sentimento de desilusão diante do retorno:

Torno a ver-vos, ó montes; o destino  
Aqui me torna a pôr nestes oiteiros,  
Onde um tempo os gabões deixei grosseiros  
Pelo traje da Corte, rico e fino.  
Aqui estou entre Almendro, entre Corino,  
Os meus fiéis, meus doces companheiros,  
Vendo correr os míseros vaqueiros  
Atrás de seu cansado desatino.  
Se o bem desta choupana pode tanto,  
Que chega a ter mais preço, e mais valia  
Que da Cidade o lisonjeiro encanto,  
Aqui descansa a louca fantasia,

E o que té agora se tornava em pranto  
Se converta em afetos de alegria (COSTA, 2002, p. 78-79).

O poema acima apresenta dissonância em relação à convenção clássica, pois em um primeiro momento o observador contrapõe a indumentária dos pastores que usam “capotes grosseiros” com o traje “rico e fino” dos habitantes da corte. Em seguida coloca-se como sujeito ao lado de dois pastores – Almendro e Corino – aproximando o tom do poema do estilo neoclássico pela escolha da sintaxe simples, de termos como “doces companheiros”, “vaqueiros” e “choupana”, levando-nos a entender que a rusticidade do campo vale mais do que o encanto da cidade. Porém, o adjetivo “miseros”, relacionado a “vaqueiros”, não se remete a uma humildade positiva, pois eles correm atrás de um “louco desatino”, diferente dos pastores representados na lírica clássica que vivem a serenidade do *locus amoenus*. Assim, o bucolismo, apesar de estar posto no poema, parece fraturado. Essa quebra na tradição clássica da mimese ocorre pela adoção de figuras antitéticas e a visão da corte permite ao poeta diagnosticar a condição do vaqueiro tratando-o de modo pejorativo. Assim, adotando uma perspectiva biográfica é possível compreender a melancolia expressa na atual condição de habitante das Minas: ele (também) assumia a posição de “miserio vaqueiro” por estar distante da paisagem inspiradora da Arcádia (ou da metrópole).

Cláudio Manuel da Costa conheceu em Coimbra pessoas que permitiram sua inserção no mundo letrado e político. O período que passou em Portugal o colocou diante de figuras importantes que posteriormente o incluíam na sociedade da Academia Brasílica dos Renascidos da Bahia e o ajudariam a compor a Arcádia Ultramarina. Essa teia de relações permitiu também sua nomeação para o cargo de secretário de governo de Luís Diogo Lobo da Silva. Na citada “viagem dilatada e aspérrima” que empreendeu com o este governador, Cláudio Manuel da Costa aproxima-se de José Gomes de Araújo, provedor da Real Fazenda.

A viagem que originou a amizade com o provedor, foi lembrada em algumas das composições claudianas, entre as quais a Écloga V “Arúncio” e o *Romance Ao senhor José Gomes de Araújo, Desembargador do Porto, Provedor da Real Fazenda, e Vedor Geral da Gente de Guerra na Capitania das Minas Gerais etc etc etc*.

A écloga V “Arúncio” é a homenagem póstuma que faz a quem supostamente guiou a comitiva pelas densas matas. Souza (2011) afirma que a dedicatória atesta que Arúncio (Araújo) “morreu nos sertões do Rio das Velhas” e foi homenageado em “Romance” feito



ainda antes da sua morte que, nos originais, traz o título: “Elogio das distintas ações, letras, e virtudes do senhor José Gomes de Araújo, desembargador...”; na versão que foi a prelo aparece apenas “Ao senhor José Gomes de Araújo, desembargador...”. Nela, Alcino (Cláudio Manuel da Costa) aparece dialogando com Frondoso. Ambos lamentam a morte do amigo falecido no sertão do Rio das Velhas.

Roubou-nos um pastor, que era o primeiro  
Entre os nossos do monte; ele nos dava  
As justas leis no campo, e no terreiro.  
Ele as dúvidas nossas concertava;  
E sendo maior, por arte nova,  
Com respeito o agrado temperava.  
De mil virtudes suas nos deu prova;  
Sempre a bem dirigindo os nossos passos.  
Oh quanto esta lembrança a dor renova! (COSTA, 2002, p. 163).

José Gomes de Araújo, segundo Souza (2011, p. 119) era o “sábio e reto ministro”. Tanto na écloga quanto no “Romance” escrito por Cláudio Manuel da Costa, destinado ao provedor, apresenta o mesmo pseudônimo pastoril. Assim como Cláudio Manuel da Costa, Lobo da Silva ainda não tinha se arriscado pelo sertão, a não ser na subida das serras, vindo do Rio para tomar posse na Matriz do Pilar em Vila Rica. Arúncio, ao contrário, tinha alguma experiência com a travessia dos matos fechados. Esses dados podem ser apreendidos do “Romance”, no qual evidencia o conhecimento que Arúncio tinha da região Mineira e a confiança que inspirava às pessoas que buscavam seguir seus passos:

Seguindo os vossos passos, desde quando  
Pisais das Minas as montanhas toscas,  
Que cousa há que não seja testemunho  
Do zelo, que distingue as ações vossas? (COSTA, 2002, p. 115).

Arúncio já pisara “das Minas as montanhas toscas” e

Sem temer as distâncias e os perigos  
Por ásperos sertões, empresa heróica,  
Desde lá vos conduz a ver os matos,  
Onde o Paracatu seu termo logra (COSTA, 2002, p. 115).

O provedor, tanto no poema quando no *giro* havia percorrido até os matos do Paracatu, que era na época uma das zonas mineradoras mais recentes.

Vencidas neste giro (quem tal crera!)  
Mais de trezentas léguas, a derrota  
Terminais, respirando sem fadiga,  
Ao ver que pelo Rei ela se abona (COSTA, 2002, p. 115).

Tem-se, portanto, nesse louvor uma menção ao *giro* feito pela comitiva de Lobo da Silva e a referência ao caminho trilhado que segue o motivo do *locus horrendus*:

Os caminhos do engano só trilhados,  
Por vós pisados são, por vós se cortam.  
Servem ao vosso zelo, ao vosso exame,  
O fundo rio, a serra mais medonha.

Nada vos horroriza, nada embarga  
A ilustre diligência, bem que aborta  
Fúrias o Inverno, cóleras o Tempo,  
Rotos os Céus em tempestades grossas (COSTA, 2002, p. 117).

O tópico do *locus horrendus* aparece na configuração da serra que é “medonha”, no sentimento que ela provoca na comitiva, que apesar de assustada não se “horroriza” nem com as “tempestades grossas”, por saber-se amparada sob o zelo de Gomes de Araújo.

O livro *Obras*, publicado em 1768 pode ser considerada a principal produção de Cláudio Manuel da Costa. São poemas produzidos parte em Coimbra (a maioria) e parte no Brasil. O volume foi entregue no dia 10 de junho de 1768 à Real Mesa Censória e, de acordo com Anjos (2014, p. 265), anotações da própria censura datadas de 24 de novembro de 1768, revelam que o livro retornaria para a Mesa Censória, para um novo exame e parecer, o que só poderia ter acontecido se o poeta tivesse inserido novos poemas e modificações após o primeiro exame. Essa hipótese é perfeitamente possível quando se percebe a grande quantidade de rasuras, supressões e inserções feitas na versão original. Deste modo, é plausível pensar que o ato de limar os poemas é o que corrobora a dissonância presente nas composições poéticas de Cláudio Manuel da Costa, provocada pelas visões diferentes e divergentes sobre o espaço físico e político.

Diferente dos poemas que compõe *Obras* que foi a prelo, mesmo com as marcas das rasuras, o poema épico “Vila Rica” (1773) permaneceu engavetado. Depois de publicado, a crítica o considerou mal elaborado. Hélio Lopes (1985), por sua vez, defendeu-o qualificando-o positivamente como “labiríntico”, uma vez que o herói Albuquerque inicia sua viagem pelo interior de Minas e se vê diante do desconhecido, tendo a natureza como opositora da sua jornada: ela é uma esfinge que quanto mais é decifrada por Albuquerque, que em suas ações diante dos conflitos demonstra justiça e inteligência, mais se revela, permitindo ao herói fundar ali sua vila ou instituir ali a civilização após a vitória contra a barbárie.

O caráter “labiríntico” se manifesta também na forma, que vem a desnortear também o leitor pela construção de várias narrativas que de súbito se interrompem, depois, mais adiante, retomam o fio ou tomam outro aspecto como o do amor de Garcia e Aurora para, encontrado o centro, desembocar no Canto, onde aparece Itamonte, o Gênio da Terra que se une a Albuquerque na alegria da conquista. Esta confusa estrutura, essencial, no entanto, à obra, foi e continua o motivo para considerar o “Vila Rica” defeituoso, ininteligível e mal composto (LOPES, 1985, p.181).

O poema “Vila Rica”, apesar de ser marcado pela presença do herói civilizador, emblema do Iluminismo, foge a certas convenções não só do gênero, mas do estilo por ter um tom barroco, que se poderia explicar pela carência de técnica e clareza, algo semelhante à febre da inspiração. Souza (2011) menciona o poeta italiano Vittorio Alfieri, para quem a lima era tédio, e a criação era febre. Assim, a historiadora considera que o “Vila Rica” sempre se mostrou irreduzível a lima porque nasceu febre e nunca conseguiu digerir bem o jorro criativo nascido do choque entre realidades conflitantes:

Brotou da perplexidade de um homem teimosamente afeito à civilização e, ao mesmo tempo capaz de perceber que a barbárie – ou o que ele entendia por tal – era mais do que a sua antítese: era sua alma gêmea. Talvez Cláudio nunca tenha se identificado com o poema, certamente um dos que mais o obsedaram ao longo da vida, e que, sem dúvida, nasceu da sua complexa experiência com o mundo do sertão. Se o seu gênio, segundo desabafou no “Prólogo” às *Obras* o tornava propenso ao sublime, eram quem sabe os versos no “estilo simples” os mais valorizados pelo poeta que ele se empenhava em ser. Talvez não se desse bem com febres e emoções fortes, preferindo o refúgio mais contido da melancolia (SOUZA, 2011, p.128).

Como a febre não define bem o estado de Cláudio Manuel da Costa, devido a sua sempre desejável contenção, é possível compreender seu refúgio na melancolia, que se caracterizou como marca importante de seu estilo. Deste modo, a produção do poeta mineiro apresenta-se dissonante, pois o desejo não se concatena com a ação. O próprio poeta afirma essa desarmonia quando diz: “vejo e aprovo o melhor, mas sigo o contrário na execução”. Mais do que tópica da falsa modéstia, essa afirmação demonstra a busca pela clareza, pela ordem e pela verdade, motivos concernentes com a estética árcade, que não conseguem ser aplicados na representação do cenário brasílico, que ele gostaria que fosse ameno, mas é corrompido. A melancolia vem na esteira do entorpecimento a que se refere no “Prólogo ao Leitor” de *Obras*.

### **Considerações Finais**

Cláudio Manuel da Costa teve sua produção poética influenciada pelas viagens que fazia. Quando as experiências reais eram colocadas em contraste com os motivos ou tópicos da tradição clássica, não havia harmonia. Por essa razão, Sérgio Alcides (2008, p. 39) passou a pensar a respeito *do lugar não-comum* do pastor Glauceste Saturnio, que não é o desterro de Ovídio nem a terra natal do letrado Cláudio Manuel da Costa, mas sim uma pátria que não deixa de ser exílio, justamente pelo fato de não conseguir se ajustar com a tópica clássica, que sempre esbarra na resistência das penhas e dos sertões. Essa resistência é pensada de modo negativo, pois se opõe às suas aspirações cosmológicas.

O artigo em questão pautou-se em dois temas que se relacionam: as viagens físicas e as viagens metafóricas. Se no âmbito das viagens físicas tem-se, em um primeiro momento, na perspectiva biográfica, os deslocamentos de Cláudio Manuel da Costa rumo ao Rio de Janeiro e, depois, rumo à Europa, nota-se que essa viagem de descobertas não contou com o êxito do retorno. Em muitos dos poemas de *Obras*, entre eles no Soneto LXII, o regresso é marcado pelo desencanto e pela melancolia. Nesse sentido, o sentimento de exilado se expressa a ponto do poeta fugir às tópicos e associar a figura árcade do vaqueiro a uma vida de louco desatino: sendo o próprio poeta esse vaqueiro, desterrado em sua própria terra.

Em seguida, as discussões pautaram-se na viagem que Cláudio Manuel da Costa empreendeu como secretário de governo. O *giro* ou a “viagem dilatada e aspérrima” apresenta a relação política do poeta com o governador Luís Diogo Lobo da Silva e o contato com o provedor da Fazenda Real, José Gomes de Araújo, a quem o poeta dedicou mais de um poema. A transposição do caráter físico ao metafórico expressa-se pelo estilo pastoril com que o poeta elegeu louvar o amigo. O pseudônimo Arúncio já demonstra a transposição. Apesar de corresponder a uma atitude comum aos poetas árcades, a menção ao *giro* mais uma vez demonstra a rusticidade dos sertões mineiros e mais uma vez a caracterização do *locus horrendus* que se mescla à paisagem e à melancolia decorrente da morte do companheiro e guia.

Por fim, elegeu-se o poema épico “Vila Rica” para demonstrar as marcas da transposição da viagem física à viagem metafórica, uma vez que as marcas do *giro* estariam expressas não apenas no conteúdo – incursão de Albuquerque pelo sertão a fim de eger o local para erigir sua Vila – mas também na forma designada “labiríntica” por Hélio Lopes (1985). A construção do poema, incompreendida por parte da crítica, revela o caráter tortuoso do sertão, sua aspereza. Os capítulos terminados abruptamente, o modo como se processam os deslocamentos, ora focalizando o herói e ora evidenciando a grandeza da natureza selvagem, contribuem para a compreensão do Vila Rica como obra resistente à lima e afeita à febre, como bem argumentou Laura de Mello e Souza.

## REFERÊNCIAS

- ALCIDES, Sérgio. *Estes penhascos: Cláudio Manuel da Costa e a paisagem de Minas 1753-1773*. São Paulo: Hucitec, 2003.
- ALCIDES, Sérgio O lugar não-comum e a república das letras. In: \_\_\_\_\_. *Revista do Arquivo Público Mineiro*. Volume 44, fascículo2, jul-dez 2008.
- ANJOS, Carlos Versiani dos. Glauceste Saturnio e a real Mesa censória: Uma crítica Genética das *Obras* de Cláudio Manuel da Costa. In: *Revista de História* (São Paulo), n.º. 170, p. 261-290, jan.-jun., 2014. Disponível em:<<http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/82574/85543>>. Acesso em 24 de nov de 2014.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 1º volume: 1750-1880. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul; São Paulo: FAPESP, 2009.
- CANDIDO, Antonio; CASTELLO, José Aderaldo. *Presença da Literatura Brasileira I*. 5. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1973.

- CARDOSO, Sérgio. O olhar do viajante (do etnólogo). In: NOVAES, Aduino. (Org.). *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- COSTA, Cláudio Manuel da. *Obras*. In: PROENÇA FILHO, Domício. *A poesia dos inconfidentes: poesia completa de Cláudio Manuel da Costa, Tomás Antônio Gonzaga e Alvarenga Peixoto*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.
- IANNI, O. “A metáfora da viagem”. In: \_\_\_\_\_. *Enigmas da modernidade – mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- LOPES. Hélio. *Introdução ao poema Vila Rica*. Juiz de Fora: Esdeva Empresa Gráfica, 1985.
- LOPES. Hélio. *Letras de Minas e outros Ensaios*. São Paulo: Edusp, 1997.
- RICOEUR, Paul. *La métaphore vive*. Paris, Seuil, 1975.
- SOUZA, Laura de Mello e. *Claudio Manuel da Costa*. São Paulo, Companhia das Letras, 2011.
- VALLE, Cláudio Martins. *A construção da posteridade ou a gênese como ruína*. Disponível em:< <http://www.usp.br/revistausp/57/07-ricardo.pdf>. Acesso em 10 de out. 2014>. Acesso em 30 de nov. 2014.

**Artigo recebido em agosto de 2014.  
Artigo aceito em dezembro de 2014.**